

... E PODE PREVER-SE O FUTURO?  
CONSIDERAÇÕES PARAPSICOLÓGICAS

Vitor Rodrigues

A previsão do futuro pode ser vista, parece-me, em pelo menos dois sentidos: o sentido futurológico e o sentido premonitório. No primeiro caso trata-se de deduzir, por conhecimento e reflexão, o que poderá ser o futuro. Isto nada tem de paranormal e pode corresponder a especulações razoáveis (por exemplo, se a poluição global se mantiver, dentro de poucos anos as consequências ecológicas serão desastrosas. Eis uma previsão maçadora mas "lógica"); no segundo caso, que nos interessa mais aqui, a previsão é mesmo pré-visão: trata-se de casos em que indivíduos humanos se apercebem, consciente ou inconscientemente, de determinados acontecimentos antes de estes se realizarem - sem que se imagine qualquer sequência possível de raciocínios conscientes, recorrendo a conhecimentos disponíveis, capaz de justificar essa previsão - mesmo quando é extremamente exacta. Exemplifiquemos.

O escritor americano Morgan Robertson publicou, em 1898, o livro "Futility", onde descrevia um navio gigante chamado TITAN. Era uma embarcação insubmersível, indestrutível e que dispensava os barcos salva-vidas impostos por lei. Tinha 19 compartimentos estanques com dispositivo de fecho automático na presença de água - e com nove inundados ainda conseguiria flutuar. Mesmo que chocasse com um iceberg a toda a velocidade somente seriam inundados três. Contudo, no livro, o TITAN choca com um iceberg e afunda-se. Só poucos dentre os seus 2000 passageiros sobrevivem. Compare-se com a história do naufrágio real do TITANIC, em 1912, e ver-se-á que as coincidências são inacreditáveis. Ainda para mais, em 1912, Morgan Robertson escreveu duas interessantes novelas: na primeira, a marinha americana era alvo de um ataque-surpresa pelos japoneses, cuja frota estava estacionada nas Filipinas (compare-se com os acontecimentos em Pearl Harbour em 1941); na segunda, há um engenho que permite detectar os objectos por meio de sons inaudíveis (um sonar, portanto, muitos anos antes de serem inventados)...

Em laboratório, Helmut Schmidt demonstrou que indivíduos humanos conseguem prever, de modo que, após centenas ou milhares de ensaios, se verifica ser muitíssimo

diferente do que seria atribuível ao acaso, quais irão ser os momentos de emissão de partículas radioactivas por isótopos de Estrôncio-90 - cuja descarga é considerada aleatória e, por isso, teoricamente imprevisível...

Em 1956, Cox estudou 28 acidentes de comboio que tinham provocado mais de dez feridos. Verificou que as vendas de bilhetes tinham sido significativamente menores no dia anterior aos acidentes do que nos 7 dias anteriores. Isto levou-o a supor que alguns passageiros têm uma premonição inconsciente do desastre e modificam planos de viagem sem saberem porquê...

Poderíamos multiplicar os exemplos. Em muitos deles, o detalhe das premonições, tidas quer em estado "acordado" quer durante o sono, é tão exacto que não restam dúvidas de não ser atribuível ao acaso, tanto mais que os exemplos bem documentados, quer de laboratório quer da vida real são inúmeros. Assim, se não quisermos ser cegamente cépticos (caso em que poderemos duvidar de tudo, mesmo de que o homem já foi à Lua), deveremos admitir: alguns seres humanos, pelo menos, conseguem prever o futuro, em algumas circunstâncias, por meios completamente diferentes dos nossos usuais raciocínios acerca de como poderão vir a ser as coisas. E isto deixa-nos com um típico problema científico: explicar esse facto.

Como explicar a existência de fenómenos premonitórios exactos? Afastemos desde já, por absurda, uma hipótese: o cérebro humano seria um "processador de informação" capaz de captar misteriosamente informações acerca de milhões e milhões de sequências de acontecimentos, calcular todos os incontáveis biliões de inter-relações possíveis entre elas e concluir qual o resultado mais provável... Para aceitar isto, deveríamos supor que o cérebro humano é tão omnisciente como o Deus de muitas teologias.

Como explicar, então, a previsão do futuro? É inviável levar a tentativa muito longe neste artigo. Devo entretanto dizer que me parecem de considerar duas alternativas principais. Na primeira, a mente humana está a captar, simplesmente, acontecimentos que já existem - só que ainda não chegaram até nós. Noutros termos, a mente humana está a captar um futuro que "já está escrito". Não gosto nada desta hipótese, não só porque coloca de imediato em causa o nosso livre-arbítrio mas também porque não parece bater certo com casos em que a premonição que tiveram permitiu a algumas pessoas, aparentemente, alterar os acontecimentos - suficientemente parecidos com a premonição, entretanto, para essas pessoas os reconhecerem

como familiares. Na segunda hipótese, com que simpatizo mais, há uma "ordem de coisas invisíveis" que interage com a nossa realidade quotidiana e pode afectá-la. Quer seja o mundo das possibilidades descrita pelos físicos quânticos ou outra coisa, essa "ordem invisível" pode afectar o nosso mundo "normal" e os acontecimentos que nele se passam. Contudo pode acontecer que aí estejam em causa muito mais as "linhas de tendência" dos acontecimentos do que um futuro já "feito". Assim, os que têm premonições poderão estar simplesmente a "ver" (consciente ou inconscientemente) para onde se encaminham os acontecimentos - na medida em que estes estejam a ser conduzidos por um sector da realidade do qual geralmente não nos apercebemos. Nesse caso, a previsão do futuro poderá ensinar-nos que as causas dos acontecimentos podem "provir" de sectores da realidade dos quais nem fazemos ideia (no nosso estado usual de consciência)... E servir para fornecer indícios sugestivos de que esses sectores invisíveis à nossa percepção "normal" existem mesmo.

...E se você não acredita na acção de coisas invisíveis, experimente ficar, durante uns minutos, num lugar como a zona interdita de Chernobil. Aposto que certas coisas invisíveis e impalpáveis, tais como radiações, podem prejudicar severamente a sua saúde... Tal como outras talvez possamos beneficiá-la ou, em geral, afectar os acontecimentos.

Referências:

.Chauvin, Rémy (1991): La Fonction Psy. Paris: Robert Laffont

.Eysenck, Hans e Sargent, Carl (1982): Explaining the Unexplained. London: Weidenfeld and Nicolson